

# Charles Baudelaire – Spleen

Quando o cinzento céu, como pesada tampa,  
Carrega sobre nós, e nossa alma atormenta,  
E a sua fria cor sobre a terra se estampa,  
O dia transformado em noite pardacenta;

Quando se muda a terra em húmida enxovia  
D'onde a Esperança, qual morcego espavorido,  
Foge, roçando ao muro a sua asa sombria,  
Com a cabeça a dar no tecto apodrecido;

Quando a chuva, caindo a cântaros, parece  
D'uma prisão enorme os sinistros varões,  
E em nossa mente em frebre a aranha fia e tece,  
Com paciente labor, fantásticas visões,

– Ouve-se o bimbalar dos sinos retumbantes,  
Lançando para os céus um brado furibundo,  
Como os doridos ais de espíritos errantes  
Que a chorrar e a carpir se arrastam pelo mundo;

Soturnos funerais deslizam tristemente  
Em minh'alma sombria. A sucumbida Esp'rança,  
Lamenta-se, chorando; e a Angústia, cruelmente,  
Seu negro pavilhão sobre os meus ombros lança!

**Charles Baudelaire, As flores do mal**